

QUEM TEM MEDO DAS TROPAS AMERICANAS NA UCRÂNIA?

Por M. K. Bhadrakumar*



Sergey Bobylev/Tass.

O governo Biden cometeu um grande erro ao estimar que a guerra levaria a uma mudança de regime na Rússia após o colapso de sua economia sob o peso das sanções.

De forma muito inócua, o governo Biden “sensibilizou” a opinião mundial de que as tropas americanas estão de fato presentes em solo ucraniano na vizinhança imediata da Rússia. Washington fez uma “aterissagem suave” com um alto funcionário do Pentágono não identificado fazendo a divulgação à [Associated Press](#) e ao *Washington Post*.

O funcionário deu uma explicação engenhosa de que as tropas norte-americanas “recentemente começaram a fazer inspeções no local para garantir” que a Ucrânia esteja “contabilizando adequadamente” as armas ocidentais que recebeu. Ele afirmou que isso fazia parte de uma campanha mais ampla dos EUA, anunciada na semana passada pelo Departamento de Estado, “para garantir que as armas fornecidas à Ucrânia não acabem nas mãos de tropas russas, seus representantes ou outros grupos extremistas”.

Com efeito, porém, o presidente Biden está engolindo suas próprias palavras de não colocar “botas no chão” na Ucrânia sob nenhuma circunstância. Há sempre o perigo real de que o grupo de americanos em turnê na Ucrânia possa ser atacado pelas forças russas. De fato, a implantação dos EUA ocorre no atual contexto de intensos ataques de mísseis e drones russos à infraestrutura crítica da Ucrânia.

Colocando claramente, intencionalmente ou não, os EUA estão subindo a escada da escalada. Até agora, a intervenção dos EUA envolveu o envio de assessores militares ao comando militar ucraniano, fornecimento de inteligência em tempo real, planejamento e execução de operações contra as forças russas e permitir que mercenários americanos fizessem o combate, além do fornecimento constante de dezenas de bilhões de dólares em armamento.

A diferença qualitativa agora é que a guerra por procuração pode se transformar em uma guerra quente entre a OTAN e a Rússia. O ministro da Defesa russo, Sergey Shoigu, [disse ontem em uma reunião conjunta dos ministérios da Defesa russo e bielorrusso](#) que o número de forças da OTAN na Europa Oriental e Central aumentou duas vezes e meia desde fevereiro e pode aumentar ainda mais no futuro próximo.

Shoigu ressaltou que Moscou entende muito bem que o Ocidente está buscando uma estratégia concertada para destruir a economia e o potencial militar da Rússia, impossibilitando o país de buscar uma política externa independente.

Ele sinalizou que o novo conceito estratégico da OTAN sugeria passar da contenção da Rússia “através da presença avançada” para a criação de “um sistema de defesa coletiva em grande escala no flanco leste”, com os membros não regionais do bloco enviando tropas para os países bálticos, orientais e Europa Central, e novos grupos táticos de batalhões multinacionais sendo formados na Bulgária, Hungria, Romênia e Eslováquia.

Pode não ser uma coincidência que Washington tenha reconhecido a presença de seus militares na Ucrânia em um momento em que os russos alegaram a [participação da inteligência britânica](#) no recente ato de sabotagem aos oleodutos Nord Stream e nos ataques de drones no sábado à base de Frota russa do Mar Negro em Sebastopol.

Existem áreas cinzentas, historicamente falando, na chamada “relação especial” entre os EUA e o Reino Unido. A crônica desse relacionamento está repleta de exemplos do rabo abanando o cachorro em momentos críticos. O ponto é, curiosamente, no ataque a Sebastopol, Moscou está [apontando o dedo](#) mais para os agentes do MI6 do que para Kiev. ([aqui](#) e [aqui](#))

O cálculo EUA-Reino Unido era originalmente deixar os russos atolados em um atoleiro na Ucrânia e incitar uma insurreição dentro da Rússia opondo-se à “guerra de Putin”. Os EUA veem que mais de 300.000 ex-militares treinados da Rússia estão sendo enviados para a Ucrânia para lançar uma grande ofensiva para acabar com a guerra nos próximos três a quatro meses.

Ou seja, o telhado está caindo em todo o edifício de mentiras e propaganda enganosa que formou a narrativa ocidental sobre a Ucrânia. A derrota na Ucrânia pode ter consequências desastrosas para a imagem e credibilidade dos EUA como superpotência não apenas na Europa, mas no cenário global, minar sua liderança na aliança transatlântica e até mesmo desabilitar a OTAN.

Curiosamente, no entanto, não pode passar despercebido a Washington que, mesmo neste momento, Moscou está [pressionando Kiev a retomar o processo de negociação](#). De fato, em um desdobramento significativo na terça-feira, a Ucrânia [deu garantias por escrito](#) ao centro de coordenação conjunta em Istambul (composto pela Turquia, Rússia e ONU) de que o corredor humanitário e os portos ucranianos designados para a exportação de produtos agrícolas para operações militares não serão usados doravante contra a Federação Russa. Kiev assegurou que “o corredor humanitário marítimo será usado apenas de acordo com as disposições da Iniciativa do Mar Negro e o regulamento do JCC relacionado”.

Em retrospecto, o governo Biden cometeu um erro terrível em sua estimativa de que a guerra levaria a uma mudança de regime na Rússia após o colapso da economia russa sob o peso das sanções ocidentais. Pelo contrário, até o FMI admite que a economia russa se estabilizou.

A economia russa deverá registrar crescimento no próximo ano. A comparação com as economias ocidentais que estão afundando em alta inflação e recessão é gritante demais para ser perdida pela audiência mundial.

Basta dizer que os EUA e seus aliados ficaram sem sanções para atingir a Rússia. A liderança russa, por outro lado, está se consolidando ao avançar com a mudança para uma ordem mundial multipolar que desafia o domínio global centenário dos Estados Unidos.

Fundamentalmente, é o próprio sistema capitalista que é responsável por esta crise. Estamos atualmente sofrendo sob o efeito da mais longa e profunda crise que o sistema conheceu desde a re-divisão do mundo que ocorreu na Segunda Guerra Mundial. As potências imperialistas estão mais uma vez se preparando para a guerra para re-dividir o mundo na esperança de sair de sua crise, assim como se prepararam antes da Segunda Guerra Mundial.

A grande questão é qual será a resposta da Rússia. É quase certo que Moscou não foi pega de surpresa com a revelação em Washington sobre a presença de tropas americanas na Ucrânia. É altamente improvável que a Rússia recorra à reação instintiva.

A chamada “contraofensiva” da Ucrânia fracassou. Não obteve ganhos territoriais ou qualquer avanço significativo. Mas os militares ucranianos sofreram pesadas baixas na casa dos milhares e enormes perdas em equipamentos militares. A Rússia ganhou vantagem e está consciente disso. [Ao longo da linha de frente](#), está se tornando evidente que as forças russas estão tomando a iniciativa com firmeza.

Nem os EUA nem seus aliados da OTAN estão em posição de travar uma guerra continental. Portanto, caberá inteiramente às tropas americanas que se deslocam pelas estepes da Ucrânia auditar o armamento fabricado nos EUA para ficar longe de problemas e manter suas almas em seus corpos. Quem sabe, o Pentágono pode até decidir elaborar um mecanismo de “desconflito” com Moscou, como na Síria!

Dito isso, sério, do ponto de vista russo, a auditoria do armamento dos EUA em solo ucraniano em si pode não ser uma coisa ruim. Existe um perigo real de que as

armas fornecidas pelos EUA cheguem à Europa e transformem aquele belo jardim bem cuidado em uma selva (como a Ucrânia ou a América) – para emprestar a [assombrosa metáfora usada por Josep Borrell](#), chefe de política externa da União Europeia, recentemente.

Publicado no [Indian Punchline](#).

****M. K. Bhadrakumar** foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
